

Construindo cidadania na favela: o jornal Fala Manguinhos como agente de transformação comunitária¹

Adriano Mello RODRIGUES²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ³

RESUMO

Este artigo investiga o papel da comunicação comunitária na construção da cidadania em contextos marginalizados, com foco no jornal comunitário Fala Manguinhos, localizado no Complexo de Manguinhos, Rio de Janeiro. A pesquisa destaca como o jornal atua como uma ferramenta de empoderamento, ampliação de vozes e fortalecimento de identidades coletivas, desafiando as narrativas negativas da grande mídia. O estudo também explora os desafios enfrentados pela iniciativa, como a migração para plataformas digitais e a sustentabilidade financeira, reforçando a relevância da comunicação comunitária na promoção de uma cidadania ativa, inclusiva e consciente.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação comunitária; cidadania; Fala Manguinhos; favela; transformação.

Introdução

A comunicação no contexto brasileiro revela-se um campo complexo, refletindo as profundas desigualdades sociais e culturais presentes na sociedade. Nas últimas décadas, o Brasil tem passado por transformações significativas na esfera comunicacional, especialmente com o advento das novas tecnologias de comunicação e informação. O acesso ampliado à internet e a proliferação das redes sociais transformaram as dinâmicas de troca de informações, permitindo o surgimento de novas vozes que desafiam as narrativas predominantes, frequentemente disseminadas pelos grandes meios de comunicação.

Nesse cenário, iniciativas de comunicação comunitária têm se consolidado como alternativas às mídias tradicionais, sobretudo em áreas marginalizadas, como as favelas

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para Cidadania, 24º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM/UERJ), e-mail: rodrigues.adriano.rj@gmail.com.

³ Pesquisa apoiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ.

do Rio de Janeiro. Tais iniciativas visam não apenas à inclusão social, mas também à construção de identidades coletivas e culturais, reconhecendo a importância do acesso à informação de qualidade. O jornal comunitário Fala Manguinhos, fundado em 2013, ilustra essa luta ao proporcionar uma plataforma para que os moradores expressem suas realidades, reivindicando seu espaço na esfera pública e contribuindo para o fortalecimento da cidadania.

É fundamental reconhecer que a comunicação não é um processo homogêneo, mas, como destaca Martín-Barbero (1997), varia significativamente entre diferentes contextos sociais e culturais, refletindo uma diversidade de visões de mundo, influências e experiências. Compreender essa heterogeneidade é essencial para acessar uma ampla gama de perspectivas e vivências, especialmente em territórios como as favelas, onde a comunicação comunitária assume um papel central na construção de uma sociedade mais equitativa. O reconhecimento do protagonismo dos moradores na produção e recepção das informações orienta as ações voltadas à transformação social, conforme destacado por Peruzzo (2017).

Nesse sentido, a comunicação comunitária emerge como um processo dinâmico que promove a união, a mobilização e a interação entre grupos sociais marginalizados e de baixa renda. Esse fenômeno não apenas amplia as vozes desses grupos, mas também fortalece a coesão social ao oferecer plataformas de expressão e organização, destacando a importância dos movimentos sociais populares (Paiva, 2003; Peruzzo, 1998).

“A comunicação comunitária é uma das formas de se exercitar o direito à comunicação. É ela quem se situa mais próxima, está ao alcance das pessoas nos locais de moradia ou outros espaços de participação comunitária. Tem sido denominada de comunicação participativa, popular, horizontal ou alternativa, entre outras expressões, para se referir ao processo comunicativo levado a efeito por movimentos sociais populares e organizações sem fins lucrativos da sociedade civil na América Latina. Ela ocorre no bojo de uma práxis de atores coletivos que se articulam de modo a provocar a mobilização social e realizar ações concretas com vistas à melhoria da consciência política e das condições de existência das populações empobrecidas. Portanto, entende-se a comunicação comunitária como aquela desenvolvida de forma democrática por grupos populares em comunidades, 7 bairros, espaços on-line etc., segundo seus interesses, necessidades e capacidades.” (PERUZZO, 2024, p. 227).

A relevância da comunicação comunitária vai além do discurso teórico, concentrando-se na prática efetiva de ampliação dos direitos civis e promoção de uma cidadania mais inclusiva e participativa nas comunidades locais.

Dessa forma, a comunicação comunitária não se restringe à função de informar, mas constitui-se em um instrumento fundamental para a construção de sentido e consciência social. Ela não apenas facilita o acesso a informações contextualizadas e relevantes, como também desafia as estruturas dominantes, reivindicando espaços de representação e reconhecimento para aqueles historicamente marginalizados. À medida que as comunidades se organizam em busca de seus direitos, torna-se imperativa a necessidade de desenvolvimento e garantia de uma ampla gama de meios de comunicação, especialmente em territórios onde a ausência de intervenção estatal é notável.

Portanto, a presente pesquisa se propõe a valorizar o discurso comunitário e a comunicação no âmbito das favelas, reconhecendo o papel central dos moradores na produção e recepção de informações. O objetivo central é investigar como o Fala Manguinhos promove a integração dos moradores, valoriza o território local e fortalece a cidadania, ao enfatizar a importância de narrativas autênticas e locais. Esse estudo se alinha à valorização da cultura e da educação como pilares fundamentais de atuação, justificando sua contribuição significativa para o desenvolvimento social local.

A cidadania...

No contexto contemporâneo, a cidadania é um conceito que, em sua essência, envolve o reconhecimento de direitos e deveres de um indivíduo dentro de uma sociedade, englobando a participação ativa na vida pública e a garantia de acesso a serviços essenciais, tais como saúde, educação e segurança. No entanto, em Manguinhos, essa compreensão de cidadania está profundamente marcada por realidades distintas e desafiadoras, frequentemente transformando essa noção em um ideal distante e, muitas vezes, inatingível.

Nos discursos sobre cidadania, espera-se que os cidadãos exerçam seus direitos, participem ativamente da vida comunitária e tenham acesso a condições que assegurem uma existência digna. Contudo, em Manguinhos, a cidadania é frequentemente percebida como uma construção teórica, que raramente se traduz em práticas efetivas na vida cotidiana. Essa disparidade entre a teoria e a prática é evidenciada pela precariedade das condições de vida, pela falta de acesso a serviços públicos de qualidade e pela marginalização social dos moradores.

A realidade dos moradores de Manguinhos é caracterizada por elevados índices de violência, pobreza e pela ausência de políticas públicas eficazes que promovam o desenvolvimento social e econômico. O abandono histórico da região por parte do Estado contribui para a perpetuação da exclusão social, dificultando o acesso a direitos básicos e, conseqüentemente, a construção de uma cidadania plena. A percepção de que a favela é um "problema" a ser resolvido, e não um espaço de potencialidades e vozes ativas, reforça a invisibilidade das vivências dos moradores e a deslegitimação de suas reivindicações por direitos.

Esse cenário alimenta um imaginário de ausência de cidadania em Manguinhos. O cotidiano dos moradores é permeado por uma luta constante pelo reconhecimento como cidadãos plenos, em um contexto no qual suas vozes são frequentemente silenciadas ou desconsideradas. O racismo estrutural e a discriminação social desempenham papéis centrais na marginalização dos moradores, impactando diretamente sua capacidade de reivindicar e exercer seus direitos. A dificuldade de acesso à informação, aliada a narrativas midiáticas que frequentemente reforçam estigmas sobre as favelas, contribui para a percepção de que a cidadania é um conceito reservado a outros, distanciado da realidade vivida nas favelas.

Assim, em Manguinhos, a cidadania configura-se como um conceito em crise, que demanda uma reavaliação crítica das políticas públicas, das narrativas sociais e das interações entre o Estado e os moradores. A construção de uma cidadania ativa e inclusiva requer, portanto, uma mudança na forma como a sociedade enxerga as favelas e seus habitantes, promovendo um diálogo que valorize suas experiências e lutas por direitos.

Em Manguinhos

O Complexo de Manguinhos, localizado na zona norte do Rio de Janeiro, é uma região marcada por uma história complexa, entrelaçada com a trajetória da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). A origem do complexo remonta ao início do século XX, quando trabalhadores da Fiocruz, envolvidos em pesquisas e atividades de saúde pública, iniciaram a ocupação da área. Ao longo da história, a presença da instituição científica conferiu à região uma identidade peculiar e, ao contrário de contribuir para a marginalização dos moradores, desempenhou um papel relevante no desenvolvimento local.

A instituição tem atuado como um agente de transformação social, oferecendo apoio em áreas como saúde e educação, além de fomentar iniciativas voltadas à melhoria da qualidade de vida dos moradores. No entanto, os desafios enfrentados pela comunidade em termos de acesso a serviços essenciais e oportunidades de desenvolvimento derivam de uma longa história de negligência por parte do Estado e da persistência de desigualdades socioeconômicas.

Composto por aproximadamente 12 comunidades e com uma população estimada em 36 mil habitantes, Manguinhos apresenta um dos piores índices de Desenvolvimento Humano (IDH) do município do Rio de Janeiro, refletindo profundas desigualdades sociais e econômicas. Essa realidade é agravada por altos índices de violência, frequentemente associados a conflitos entre facções criminosas e intervenções policiais.

A caracterização do Complexo de Manguinhos como uma "Faixa de Gaza"⁴ pelos meios de comunicação hegemônicos enfatiza a gravidade da situação vivenciada pelos moradores, que, em muitos casos, encontram-se em uma luta constante pela sobrevivência em um ambiente marcado pela insegurança e exclusão social.

A questão da pobreza é central na dinâmica do Complexo de Manguinhos. A escassez de recursos e a ausência de políticas públicas eficazes perpetuam um ciclo de marginalização que impede a implementação de melhorias na infraestrutura e na qualidade de vida dos residentes. Embora algumas intervenções tenham sido realizadas, como as promovidas pelo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC)⁵, que visaram a urbanização e a melhoria dos serviços de saneamento, muitos moradores relatam que as soluções propostas não atendem às suas necessidades reais e, em alguns casos, perpetuam a exclusão e a precarização da vida urbana.

Apesar dos investimentos, o Complexo de Manguinhos continua enfrentando desafios significativos. A criminalização e estigmatização dos moradores ainda são questões presentes, impactando as relações de poder e a percepção externa sobre a região. A presença do Estado é percebida de forma ambígua, com a implementação de projetos e políticas muitas vezes insuficientes ou descontinuadas. E

“É exatamente nesse estado de anomia e desânimo que a discussão em torno da comunicação comunitária ressurge, talvez, como a única possibilidade de reversão. A perspectiva aqui é a da comunicação comunitária entendida como

⁴ Veja mais em: [Favela de Manguinhos - Dicionário de Favelas Marielle Franco \(wikifavelas.com.br\)](https://wikifavelas.com.br/favela-de-manguinhos).

⁵ Veja mais em: [PAC Manguinhos - Dicionário de Favelas Marielle Franco \(wikifavelas.com.br\)](https://wikifavelas.com.br/pac-manguinhos).

parte de um contexto mais amplo que envolve a produção de cultura e de narrativas efetivamente integradas à vida social.” (PAIVA, 2023, p. 395).

A violência armada é uma constante em Manguinhos, com registros frequentes de conflitos e incursões policiais. Estudos indicam que a violência não apenas afeta diretamente a segurança dos moradores, mas também gera um ambiente de medo e insegurança que impacta negativamente a qualidade de vida e os vínculos sociais. O cotidiano dos residentes é permeado por essas tensões, que ocorrem em espaços públicos, como praças e escolas, dificultando o desenvolvimento de uma vida comunitária saudável.

Apesar desses desafios, Manguinhos também é um espaço de resistência e mobilização social. A comunidade tem buscado alternativas para enfrentar as adversidades, formando redes de apoio e implementando iniciativas que promovem a cidadania e o fortalecimento dos laços sociais. O Fala Manguinhos, exemplo de jornal comunitário, é uma das várias iniciativas surgidas com o objetivo de ampliar as vozes dos moradores e abordar questões relevantes que afetam suas vidas. Essas ações demonstram que, mesmo diante da marginalização e da pobreza, a população de Manguinhos mantém um forte senso de comunidade e um desejo coletivo de transformação social.

O Complexo de Manguinhos, apesar de sua história marcada pela violência, pobreza e negligência estatal, é também um palco de lutas sociais e iniciativas comunitárias que buscam promover mudanças significativas. A relação entre os moradores e a Fiocruz, bem como a contínua busca por direitos e melhorias na qualidade de vida, são elementos fundamentais que caracterizam a experiência de viver em Manguinhos.

O Fala Manguinhos está aqui

O Fala Manguinhos⁶ é um jornal comunitário que se consolida como uma ferramenta fundamental para a construção da cidadania e a promoção de uma comunicação inclusiva dentro do Complexo de Manguinhos. Fundado em 2013, o periódico surgiu da necessidade de criar um espaço destinado à ampliação das vozes dos moradores, em contraposição às narrativas predominantemente negativas que os grandes meios de comunicação frequentemente associam às favelas.

⁶ Conheça melhor em: [Fala Manguinhos \(@falamanguinhos\)](#) • [Fotos e vídeos do Instagram](#).

Desde sua criação, o Fala Manguinhos tem como objetivo não apenas informar, mas também empoderar a comunidade. O jornal foi concebido como um reflexo das vivências e das lutas cotidianas dos moradores, promovendo um senso de pertencimento e de identidade coletiva. Essa abordagem está em consonância com o que Paiva (2003) defende sobre a construção do conhecimento a partir da experiência local, priorizando a sensibilidade e a proximidade com a comunidade.

Nos primeiros anos, o jornal utilizava a mídia impressa como sua principal forma de disseminação, distribuindo exemplares diretamente nas residências. Essa prática não apenas aproximava os moradores do conteúdo publicado, mas também incentivava o diálogo e a interação entre eles, possibilitando que as vozes da comunidade fossem efetivamente ouvidas e reconhecidas. Entretanto, diante de dificuldades financeiras e da necessidade de adaptação às novas realidades, o jornal migrou para as plataformas digitais, o que permitiu uma comunicação mais ágil, mas também trouxe novos desafios, especialmente para aqueles que não possuem acesso à internet.

A pandemia de COVID-19 representou um momento crítico para o Fala Manguinhos. Em meio ao isolamento social, o jornal tornou-se um recurso vital para a disseminação de informações sobre saúde pública, prevenção do vírus e suporte à comunidade. A iniciativa mobilizou seus canais digitais para informar os moradores acerca das diretrizes sanitárias, além de promover iniciativas de solidariedade e apoio mútuo, reforçando a importância da coesão social em tempos de crise. Essa atuação evidenciou o papel do jornal como um agente de transformação social, demonstrando como a comunicação pode ser utilizada para enfrentar desafios coletivos.

Atualmente, o Fala Manguinhos enfrenta dificuldades significativas em termos de sustentabilidade financeira e manutenção de suas atividades. A interrupção da distribuição do jornal impresso, que desempenhava um papel crucial no engajamento da comunidade, deixou um vazio que a equipe busca preencher por meio de suas plataformas digitais. Embora a presença on-line tenha crescido, nem todos os moradores de Manguinhos têm acesso a essas mídias, o que representa um desafio para a inclusão de toda a comunidade nas discussões e informações disseminadas.

Com o intuito de superar essas dificuldades, a equipe do Fala Manguinhos tem se dedicado à formação de comunicadores populares, oferecendo oficinas de redação, fotografia e análise crítica da mídia. Essas iniciativas buscam não apenas capacitar os moradores, mas também promover uma consciência crítica em relação às informações

que circulam, permitindo que a comunidade se aproprie do seu próprio discurso e narrativa. Essa prática reflete os ensinamentos de Paulo Freire (1987), que defende a educação como um caminho para a conscientização e libertação dos oprimidos, possibilitando-lhes reconhecer suas condições de opressão e agir para transformá-las.

Tensionamentos e considerações da cidadania em Manguinhos

A construção da cidadania ativa e coletiva nas favelas cariocas, especialmente em Manguinhos, enfrenta uma série de desafios amplificados por diversas dinâmicas sociais e políticas. O conceito de "cidade", frequentemente associado à inclusão, cidadania plena e acesso a direitos, precisa ser reavaliado nesse contexto.

Na prática, os moradores de Manguinhos encontram-se excluídos dessa ideia de cidade, uma vez que a representação negativa da favela, a falta de acesso a serviços públicos essenciais, as políticas de segurança punitivas e a desigualdade socioeconômica reforçam a percepção de que eles não pertencem integralmente ao espaço urbano. Assim, surge a indagação: qual é essa experiência de cidade vivida pelos corpos favelados? A exclusão social e simbólica torna difícil a construção de uma cidadania que reconheça e valorize as experiências e as vozes das comunidades faveladas.

Nesse contexto, a cidadania nas favelas é frequentemente distanciada das experiências cotidianas dos moradores, devido às narrativas midiáticas e às intervenções estatais que reforçam estruturas de marginalização. A mídia hegemônica, ao perpetuar estereótipos que associam favelas à criminalidade e à violência, contribui para o que se pode denominar "racismo informacional".

Esse conceito descreve como as informações são construídas e disseminadas de maneira a estigmatizar comunidades marginalizadas, deslegitimando suas lutas e suas realidades. Como resultado, os moradores das favelas são frequentemente vistos como ameaças, e não como cidadãos plenos, o que alimenta um ciclo de exclusão e negação de direitos.

Nesse sentido, as iniciativas de comunicação comunitária desempenham um papel crucial na construção de contra-narrativas, que desafiam essas visões estigmatizantes. Como destaca Souza:

"Narrativas e discursos organizados a partir da dor e da esperança são veiculados pelas iniciativas comunitárias na busca por deslocar os sentidos dos discursos hegemônicos que criminalizam as comunidades e favelas. [...]"

É pela articulação entre comunicadores de diferentes favelas, em especial no Rio de Janeiro, que a violência estatal é desnaturalizada.” (2023, p. 27).

Assim, ao criarem espaços de resistência, essas iniciativas contribuem para que a cidadania ativa possa ser exercida, promovendo o reconhecimento das experiências e das lutas dos moradores das favelas como legítimas e centrais na construção de uma sociedade mais inclusiva.

A promoção da comunicação descentralizada desempenha um papel fundamental no fortalecimento da cidadania ativa (PERUZZO, 1999). Quando as pessoas e as comunidades têm a chance de expressar suas perspectivas e acessar uma variedade de informações, elas se tornam mais preparadas para participar de forma efetiva nos processos democráticos e lutar pelos seus direitos (FREIRE, 1987; DOWNING, 2001). Esse processo de empoderamento é crucial para a construção de uma sociedade mais igualitária e justa, onde todas as vozes são reconhecidas e respeitadas (HABERMAS, 1984; SANTOS, 2001).

Além disso, a atuação do Estado, que teoricamente visa combater redes criminosas, frequentemente se traduz em ações seletivas que atingem prioritariamente as comunidades faveladas. Essa abordagem não só reforça a exclusão social, mas também perpetua a ideia de que a cidadania é um privilégio não estendido a essas populações. Diante desse cenário, os moradores de Manguinhos se sentem cada vez mais invisibilizados, e a noção de cidadania ativa torna-se um conceito nebuloso, sem espaço para ser cultivado ou reconhecido.

Nesse sentido, torna-se imperativo questionar onde a cidadania ativa pode encontrar significado em um contexto marcado pela invisibilidade e marginalização. A resposta a essa questão não é simples. A problemática da cidadania nas favelas cariocas, especialmente em Manguinhos, não se limita à exclusão social e simbólica, mas se entrelaça com a complexa teia de interações entre os moradores e as instituições que deveriam assegurar direitos e garantias.

Nesse cenário, é fundamental considerar como as políticas públicas se desdobram no cotidiano das comunidades. Muitas vezes, iniciativas que prometem melhorias, como programas de urbanização e assistência social, falham em considerar as especificidades locais e as reais necessidades da população. Em vez de fomentar um ambiente propício ao fortalecimento da cidadania, essas políticas podem, inadvertidamente, reforçar a

marginalização, quando não são acompanhadas por uma escuta ativa e pela participação dos próprios moradores na formulação dessas medidas.

A comunicação também desempenha um papel crucial na construção e desconstrução de identidades coletivas. O acesso à informação de qualidade e a possibilidade de expressar suas próprias narrativas são fundamentais para que os moradores de Manguinhos se vejam como protagonistas de suas histórias.

A ausência de veículos de comunicação que reflitam a realidade das favelas e permitam aos seus habitantes contar suas próprias experiências perpetua a marginalização. Iniciativas de comunicação comunitária, como o Fala Manguinhos, são ferramentas essenciais para desafiar as narrativas hegemônicas e criar espaços de diálogo e visibilidade. Essas iniciativas não apenas informam, mas também empoderam os moradores, promovendo um senso de pertencimento e de cidadania ativa.

Ademais, é essencial destacar a interseccionalidade das experiências de cidadania nas favelas. As realidades enfrentadas pelos moradores variam significativamente em função de suas etnias, gêneros e idades, e essas diferenças devem ser reconhecidas nas discussões sobre cidadania.

O racismo estrutural, por exemplo, impacta de maneira distinta os corpos favelados, especialmente as mulheres negras, que enfrentam não apenas a marginalização social, mas também a violência de gênero. Portanto, a formulação de políticas públicas e iniciativas de comunicação que considerem essa diversidade é imprescindível para promover uma cidadania verdadeiramente inclusiva e representativa das múltiplas realidades presentes nas favelas.

Por fim, a articulação entre as comunidades faveladas e movimentos sociais mais amplos é uma estratégia eficaz para potencializar a luta pela cidadania. A troca de experiências e a construção de alianças com outros grupos marginalizados cria uma frente unificada para reivindicar direitos e visibilidade. A solidariedade entre diferentes segmentos da sociedade civil é fundamental para desafiar as estruturas de opressão que perpetuam a exclusão social e para promover uma nova concepção de cidadania, que abranja a pluralidade de vozes e experiências dos habitantes das favelas.

A metodologia

Este estudo foi desenvolvido para analisar as dinâmicas complexas da comunicação nas favelas cariocas, com ênfase na comunidade de Manguinhos. A

metodologia empregada busca compreender as implicações da comunicação na vida dos moradores, destacando o território como um fator central na construção de pertencimento e identidade coletiva. A investigação explora a comunicação comunitária enquanto meio de resistência e empoderamento social, promovendo a cidadania ativa.

Fundamentada em um arcabouço teórico consistente, a pesquisa se apoia em obras como *Pedagogia do Oprimido* (Freire, 1987), que aborda a educação como prática de conscientização; *Comunicação nos Movimentos Populares* (Peruzzo, 1998), que analisa a comunicação como instrumento de organização social; e *O Espírito Comum* (Paiva, 2003), que discute a construção de identidades coletivas através da comunicação comunitária. Essas referências foram essenciais para contextualizar as observações empíricas e situar a pesquisa no debate acadêmico mais amplo sobre cidadania e resistência nas favelas.

A metodologia adotou uma abordagem qualitativa com base na observação participante, complementada por uma revisão bibliográfica aprofundada. Como residente da comunidade e colaborador do jornal *Fala Manguinhos*, o pesquisador teve uma inserção direta nas dinâmicas sociais e comunicativas do território, tanto no ambiente físico quanto nas plataformas digitais. Essa imersão permitiu a coleta de dados contextualizados e reflexões críticas sobre as práticas comunicativas e de mobilização social observadas.

Ao integrar observação participante e revisão teórica, a pesquisa proporciona uma análise profunda das interações entre comunicação, território e cidadania em *Manguinhos*. Essa abordagem reforça o papel da comunicação comunitária como ferramenta essencial de transformação social e fortalecimento das identidades coletivas em territórios marginalizados, evidenciando as potencialidades da comunicação para a promoção de mudanças estruturais e sociais nas favelas cariocas.

O que foi observado

O jornal comunitário *Fala Manguinhos* emerge como um elemento central na construção e fortalecimento do senso de cidadania entre os moradores de *Manguinhos*, constituindo-se como um agente de transformação social em um contexto marcado pela marginalização e invisibilidade. A análise das práticas comunicativas do *Fala Manguinhos* revela que a cobertura da historicidade local e a divulgação de iniciativas comunitárias são fundamentais para a formação da identidade coletiva. Além de informar,

o jornal promove o empoderamento cívico dos moradores, pois, como afirma Suzina (2023), “no diálogo entre as ideias e a prática, comunicação comunitária se faz na construção de sentido e na demonstração da presença”.

A observação participante demonstrou que o Fala Manguinhos adota uma variedade de estratégias comunicativas que transcendem a mera transmissão de notícias. As reportagens investigativas, os artigos de opinião e a cobertura de eventos locais constituem-se como instrumentos que permitem aos moradores de Manguinhos não apenas se informarem, mas também se engajarem ativamente em discussões sobre questões que afetam suas vidas cotidianas.

Um dos principais resultados desta pesquisa foi o aumento da consciência cidadã entre os moradores, expresso em relatos de empoderamento individual e coletivo. Esse sentimento de capacitação para reivindicar direitos e participar dos processos decisórios reflete uma transformação nas dinâmicas de poder dentro da favela e um fortalecimento da responsabilidade coletiva. O Fala Manguinhos se destaca ao transformar passividade em ação, incentivando o protagonismo dos moradores. A cobertura de temas como segurança pública e acesso a serviços essenciais mobiliza a comunidade. Ao informar e educar, o Fala Manguinhos promove o engajamento ativo na luta por direitos e melhorias nas condições de vida.

Adicionalmente, os artigos de opinião publicados no jornal oferecem um espaço essencial para a expressão das visões e experiências dos moradores, promovendo o fortalecimento do diálogo, uma vez que ele é importante para a nossa existência (FREIRE, 1987) e para o convívio em sociedade. Ser dialógico, diz Freire, “é não invadir. É não manipular, é não slogonizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação da realidade” (1977, p. 43). E, ao fomentar um ambiente em que os moradores podem expressar livremente suas opiniões, o Fala Manguinhos contribui para a formação de uma comunidade mais coesa e articulada, capaz de enfrentar coletivamente os desafios impostos pela marginalização.

A cobertura de eventos locais, como festividades culturais e assembleias comunitárias, desempenha um papel duplo: informa e celebra as conquistas da comunidade, incentivando a participação ativa dos moradores. Essa celebração da cultura local e da ação comunitária é crucial para o fortalecimento da coesão social, criando um espaço onde a identidade coletiva pode florescer.

Os achados desta pesquisa também indicam que o Fala Manguinhos se destaca como um modelo de comunicação comunitária que desafia as narrativas hegemônicas frequentemente associadas às favelas. Por meio de suas práticas, o jornal mobiliza os moradores, capacitando-os a participar ativamente da vida comunitária. Essa mobilização reflete-se no aumento da participação em processos sociais e políticos, sugerindo que a comunicação local pode ser um motor potente de mudança social.

Por fim, os resultados desta investigação indicam que o Fala Manguinhos se consolida como um pilar fundamental na promoção de uma cidadania ativa e consciente. As experiências vividas e compartilhadas por meio deste jornal comunitário não apenas educam os moradores sobre suas realidades, mas também os empoderam, estabelecendo um paradigma de como a comunicação local pode contribuir para o desenvolvimento social e para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Esta pesquisa, portanto, destaca a importância de iniciativas de comunicação comunitária como ferramentas essenciais para o fortalecimento da cidadania e a promoção de transformações sociais em contextos marginalizados.

Conclusão

Esta pesquisa revela como a comunicação comunitária desempenha um papel essencial na construção de cidadania em contextos de marginalização, como o Complexo de Manguinhos. O Fala Manguinhos se consolida como uma ferramenta de transformação social, ao possibilitar que os moradores assumam o protagonismo de suas próprias narrativas, desafiando as representações negativas frequentemente veiculadas pela grande mídia. Ao promover uma comunicação inclusiva e participativa, o Fala Manguinhos contribui significativamente para a construção de uma cidadania ativa e consciente entre os moradores.

O estudo evidencia que o jornal vai além da função informativa; ele atua como um catalisador de empoderamento e mobilização, fortalecendo os laços de solidariedade e promovendo o senso de pertencimento e identidade coletiva. Através da cobertura de questões locais, como segurança pública, acesso a serviços essenciais e cultura, a iniciativa permite que os moradores não apenas se informem, mas se engajem ativamente em processos decisórios que afetam suas vidas, criando condições para o exercício pleno da cidadania.

Nesse processo, a comunicação comunitária se revela uma ferramenta de resistência contra o racismo informacional e as estruturas de poder que historicamente marginalizam as favelas. O jornal comunitário se afirma como um espaço onde as vozes dos moradores são ouvidas e legitimadas, rompendo com as narrativas estigmatizantes e fortalecendo a noção de cidadania como um direito universal, acessível a todos, independentemente de sua condição social ou local de moradia.

Entretanto, o Fala Manguinhos também enfrenta desafios, especialmente no que diz respeito à sustentabilidade financeira e à inclusão digital de toda a comunidade. A migração para plataformas digitais, embora necessária, cria barreiras de acesso para parte dos moradores, destacando a importância de se encontrar soluções que garantam que a comunicação comunitária continue a ser um instrumento de inclusão para todos.

Por fim, esta pesquisa reafirma a importância da comunicação comunitária na construção de uma cidadania mais inclusiva e participativa. Ao dar protagonismo aos moradores, o Fala Manguinhos transforma realidades, educa e mobiliza, mostrando que a comunicação local pode ser uma poderosa ferramenta de luta por direitos e justiça social. Em contextos de marginalização, como o de Manguinhos, a comunicação comunitária emerge como um pilar fundamental na promoção de uma sociedade mais justa, equitativa e consciente, ao construir cidadania a partir das vozes e experiências dos próprios moradores.

Referências

- DOWNING, John D. H. **Radical Media: Rebellious Communication and Social Movements**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 84. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- HABERMAS, Jürgen. **The Theory of Communicative Action: Reason and the Rationalization of Society**. Vol. 1. Translated by Thomas McCarthy. Boston: Beacon Press, 1984.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações: Comunicação, Cultura e Hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- PAIVA, Raquel. **O Espírito Comum: Comunidade, Mídia e Globalismo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

PAIVA, Raquel. Um posfácio: mutações do Espírito Comum. In: SANTOS, Cristiano Henrique Ribeiro dos; BULCÃO, Luana (Orgs.). **Espíritos Utópicos: A Regeneração do Comum**. São Roque: Gênio Editorial, 2023.

PERUZZO, Cicilia M. K. Comunicação comunitária e educação para a cidadania. **Comunicação & Informação**, v. 2, n. 2, p. 205-228, jul./dez. 1999. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/22855/13596>. Acesso em: 20 jun. 2024.

PERUZZO, Cicilia M. K. **Fundamentos Teóricos da Comunicação Popular, Comunitária e Alternativa**. Vitória: Edufes, 2024. (Coleção Pesquisa Ufes, v. 58).

PERUZZO, Cicilia M. K. **Comunicação nos Movimentos Populares: A Participação na Construção da Cidadania**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. 340 p.

PERUZZO, Cicilia M. K. Ideias de Paulo Freire aplicadas à comunicação popular e comunitária. **Revista Famecos**, v. 24, n. 1, p. ID24207, 2017. DOI: 10.15448/1980-3729.2017.1.24207. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/24207>. Acesso em: 10 jun. 2024.

SANTOS, Cristiano Henrique Ribeiro dos; BULCÃO, Luana (Orgs.). **Espíritos Utópicos: A Regeneração do Comum**. São Roque: Gênio Editorial, 2023.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SOUZA, Renata. A política do comum. In: SANTOS, Cristiano Henrique Ribeiro dos; BULCÃO, Luana (Orgs.). **Espíritos Utópicos: A Regeneração do Comum**. São Roque: Gênio Editorial, 2023. p. 27.

SUZINA, Ana Cristina. Uma caminhada em diálogo com O Espírito Comum. In: SANTOS, Cristiano Henrique Ribeiro dos; BULCÃO, Luana (Orgs.). **Espíritos Utópicos: A Regeneração do Comum**. São Roque: Gênio Editorial, 2023. p. 142.